

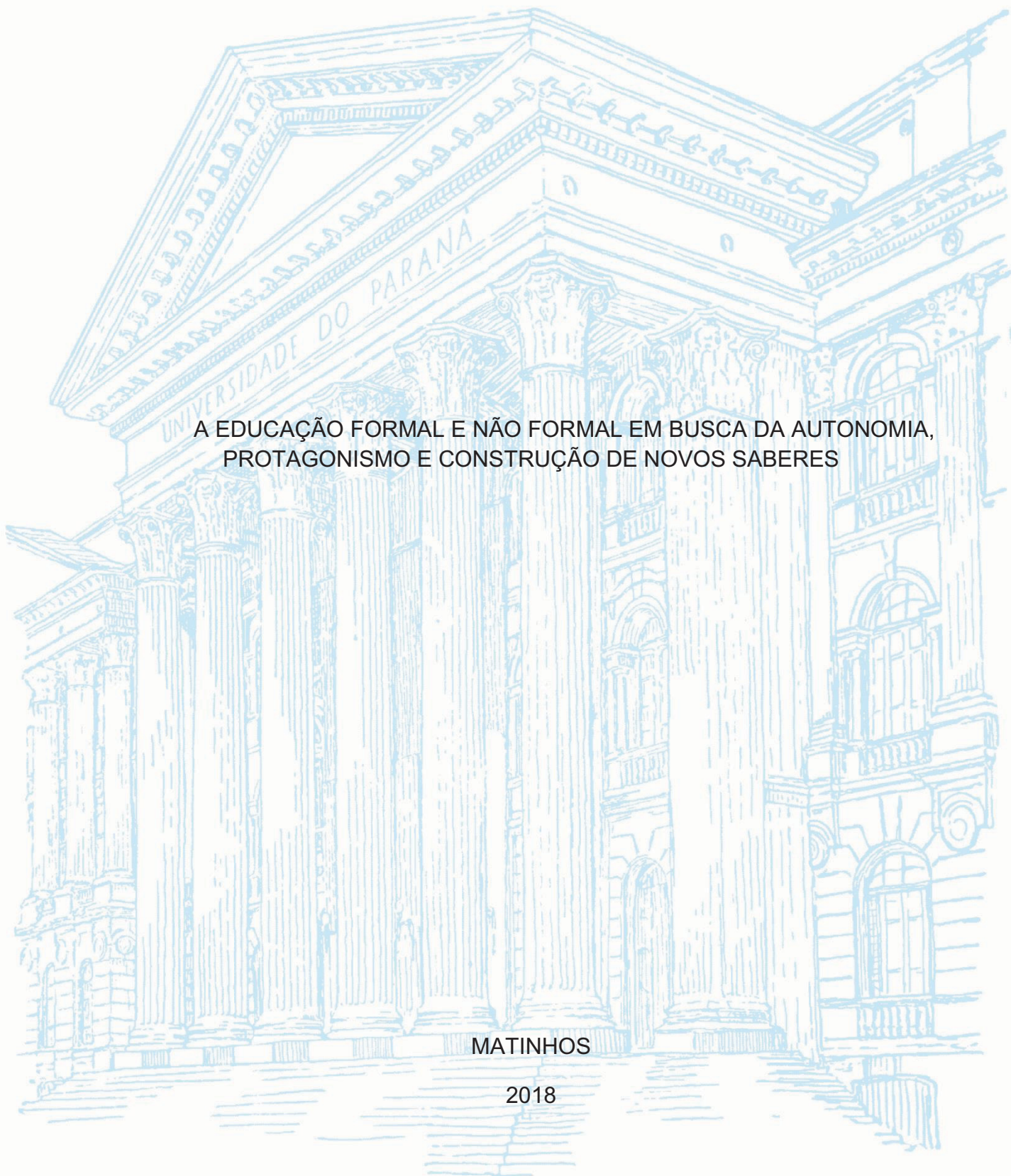
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JUCIANE ALVES DOS SANTOS

A EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL EM BUSCA DA AUTONOMIA,
PROTAGONISMO E CONSTRUÇÃO DE NOVOS SABERES

MATINHOS

2018



JUCIANE ALVES DOS SANTOS

A EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL EM BUSCA DA AUTONOMIA,
PROTAGONISMO E CONSTRUÇÃO DE NOVOS SABERES

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas para uma Nova Educação.

Prof. Orientadora: Profa. Dra. Lenir Maristela Silva

MATINHOS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora **Dra. Lenir Maristela Silva**, realizaram em 30 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Juciane Alves dos Santos** sob o título "A EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL EM BUSCA DA AUTONOMIA, PROTAGONISMO E CONTRUÇÃO DE NOVOS SABERES", sendo quesito parcial para obtenção do Título de Especialista no Curso de *Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido "APROVADA".

Matinhos, 30 de junho de 2018.

Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Orientadora

Dr. Valentim da Silva
Professor Integrante

Dra. Vanessa Marion Andreoli
Professora Integrante

Juciane Alves dos Santos
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

Dedico este presente trabalho a todos que acreditam como eu na Interdisciplinaridade, Interinstitucionalidade, Interculturalidade, Interterritorialidade, Intergeracionalidade, interexperiencialidade com uma educação com mais amor e dedicação em busca do aprender a aprender, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser onde somos todos iguais, independentemente de sua idade, raça, cor ou gênero. Em especial a minha família que sempre esteve presente acreditando e apoiando todas as minhas decisões.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado à oportunidade, de hoje poder concluir o curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Agradeço aos meus familiares que sempre estiveram presentes e apoiando todas as minhas decisões. Ao coletivo da ANE (Alternativas para uma Nova Educação) que tiveram grande importância no meu crescimento no profissional e humano.

Sem vocês todos seria impossível à conclusão desse trabalho.

Que Deus abençoe a todos!

*EXISTEM DUAS FORMAS DE MUDAR UMA SOCIEDADE, A PRIMEIRA É
ATRAVÉS DA DOR, DA REVOLUÇÃO; JÁ A SEGUNDA ACONTECE PELO AMOR,
PELA EDUCAÇÃO...*

(AUTOR DESCONHECIDO)

RESUMO

Minha pesquisa foi fundamentada e se deu através de observações e vivências onde constatei que quem observa a paixão por aprender, que as crianças têm desde muito pequena, percebe que o modelo curricular tradicional de ensino educacional faz com que a escola acabe por sufocar essa vontade. Alguns anos venho trabalhando nessa linha de pensamento, tendo como objetivo focar na autonomia e protagonismo desses educandos na educação formal (como arte educadora dentro do contraturno escolar deste município) e na não formal (como coreografa voluntaria da fanfarra municipal de Matinhos). Verifiquei ao longo do meu trabalho enquanto educadora que a proposta de autonomia e protagonismo em centrar no aluno não significa dar carta branca para bagunça ou fazer por fazer, mas sim através do conhecimento do contexto que lhe é dado, orientar e direcionar em atividades que ressaltem sua autonomia sendo elas responsáveis por suas ações ou a falta dela. O protagonismo do educando deve estar centrado na eficiência do aprendizado. O estímulo à curiosidade instiga ao protagonismo. Tive plena certeza de que estava seguindo pelo caminho certo quando iniciei na ANE (Alternativas para uma nova educação) e percebi que não estava sozinha a nova educação só se dá no coletivo.

Palavras-chave: Educação; Autonomia; Aprendizado.

RESUMEN

Mi investigación fue fundamentada y se dio a través de observaciones y vivencias donde constaté que quien observa la pasión por aprender, que los niños tienen desde muy pequeña, percibe que el modelo curricular tradicional de enseñanza educativa hace que la escuela acabe por sofocar esa voluntad. Algunos años venimos trabajando en esa línea de pensamiento, teniendo como objetivo enfocar en la autonomía y protagonismo de estos educandos en la educación formal (como arte educativo dentro del contraturno escolar de este municipio) y en la no formal (como coreografía voluntaria de la fanfarria municipal de Matinhos). He comprobado a lo largo de mi trabajo como educadora que la propuesta de autonomía y protagonismo en centrarse en el educando no significa dar carta blanca para desorden o hacer por hacer, sino a través del conocimiento del contexto que le es dado, orientar y dirigir en actividades que resalten su autonomía siendo ellas responsables de sus acciones o la falta de ella. El protagonismo del educando debe estar centrado en la eficiencia del aprendizaje. El estímulo a la curiosidad instiga al protagonismo. En el momento en que inicié en la ANE (Alternativas para una nueva educación) y me di cuenta de que no estaba sola la nueva educación sólo se da en el colectivo.

Palabras clave: Educación; autonomía; El aprendizaje.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – STANDART.....	14
FIGURA 02 – STANDART.....	15
FIGURA 03 – COLETIVO DA ANE.....	16
FIGURA 04 - ARRUMANDO MATERIAIS.....	18
FIGURA 05 – ARRUMANDO MATERIAIS.....	18
FIGURA 06 – ARRUMANDO MATERIAIS.....	18
FIGURA 07 – ARRUMANDO MATERIAIS.....	22
FIGURA 08 – ARRUMANDO MATERIAIS.....	22
FIGURA 09 – ARRUMANDO MATERIAIS.....	22
FIGURA 10 – ARRUMANDO MATERIAIS.....	23
FIGURA 11 – SALA DE AULA.....	24
FIGURA 12 – SALA DE AULA.....	24
FIGURA 13 – SALA DE AULA.....	25
FIGURA 14 – SALA DE AULA.....	25
FIGURA 15 – SALA DE AULA.....	25
FIGURA 16 – SALA DE AULA.....	26
FIGURA 17 – SALA DE AULA.....	26
FIGURA 18 – SALA DE AULA.....	26
FIGURA 19 – SALA DE AULA.....	27
FIGURA 20 – SALA DE AULA.....	27
FIGURA 21 – SALA DE AULA.....	27
FIGURA 22 – SOLTAR PIPA.....	28
FIGURA 23 – SOLTAR PIPA.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MEMÓRIAS DE VIDA	12
3 A EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL EM BUSCA DA AUTONOMIA, PROTAGONISMO E CONSTRUÇÃO DE NOVOS SABERES	15
3.1 CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL COMO COREÓGRAFA DA FANFARRA ESTRELA DO AMANHÃ OU BANDA DE PERCUSSÃO FÊNIX DESSE MUNICÍPIO.	17
3.1.1 Um pouco da história de o que é, e onde surgiu o termo “Fanfarra”.	19
3.1.2 Um pouco da metodologia do ensino das coreografias da fanfarra se dá em etapas: 20	
3.2 CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO FORMAL NO PROGRAMA SABERES CONTRATURNO ESCOLAR DESSE MUNICÍPIO.	23
3.2.1 Metodologia aplicada na Oficina de Artes	23
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

A ação da escuta não é algo fácil de praticar, ainda mais quando os interlocutores são crianças e adolescentes. Não há desenvolvimento da autonomia, protagonismo e construção de novos saberes do educando na educação formal e informal onde prevalece o autoritarismo do professor. A busca por estimular as crianças e adolescentes a usarem todas as suas maneiras de expressão já vem sendo desenvolvidas ao longo da minha trajetória e vivências.

Meu projeto no curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação na educação não formal foi a continuidade da Banda de percussão Municipal Fênix que já faz parte da minha história com Matinhos, e na educação formal no Programa Saberes contraturno escolar desse município como professora de Artes.

2 MEMÓRIAS DE VIDA

Minhas lembranças surgem na memória que ora estavam esquecidas e algumas quase apagadas. Relembra-las no processo de escrita desse memorial foi surpreendente um encontro comigo mesma, momentos bons, medos, angustias, vitórias, longos pensamentos que me levaram à infância, adolescência, adulta e o amadurecimento perante a escrita.

Reportei-me ao meu primeiro dia de aula no jardim de infância, que posso sentir o cheiro do giz de cera impregnado em minhas narinas, cheirinho de escola, sensação boa que sinto nos dias atuais ao adentrar a sala de aula. Lembranças que fazem significado hoje diante dessa escrita ao lembrar a minha primeira professora, acolhedora, inovadora para sua época década de 80. Faz sentido minhas lembranças serem tão boas acredito que fosse vista como revolucionária, sua sala tinha a disposição das carteiras em círculos, falava com carinho, olho no olho.

Nem sempre foi assim com as próximas experiências escolares. Momento de cópias incessantes por “deveres não cumpridos”, castigo atrás da porta, puxões de cabelos, agressões verbais como “cala boca Maria Trancinha” (era a mais suave), porém o que me confortava era lembrar da professora do jardim de infância e de seu olhar. Acredito que ao longo do processo essas memórias foram o que me fizeram não desistir.

No ensino fundamental ostentação era a pasta de zíper com símbolo do positivo, cheiro do plástico ainda vive em minhas lembranças, nessa época tive meu primeiro contato com minha atual profissão. Amava aulas de Artes onde a fonte inspiradora era minha tia Eunice ou simplesmente Nicha artisticamente como ela gostava de ser chamada.

Da infância a adolescência fui ginasta, dancei muito, participei de concursos e festivais de dança, representando a prefeitura de Curitiba com o Grupo de dança “Ruas de Fogo” por mais de oito anos.

Ensino médio do desenho industrial no CEFET por três noites na fila para uma vaga no magistério, loucura como todos pensavam. No percurso do magistério as angustias e dúvidas permeavam meus pensamentos: como unir a escola com meu

fazer artístico no caso a dança. Estágios, ginástica rítmica, escolas, alunos, namoro, formatura, gravidez, casamento.

Não desisti mesmo com grande revolta sobre o óbito do meu primogênito em 1994. No ano seguinte aos meus dezenove anos tive minha filha, não planejada, no entanto muito amada. Mudanças de planos, da escola para hospitais, com o início do curso de enfermagem, mesmo que por pouco tempo, a ânsia de educar era tão grande, que sempre me pegava na escola interna do hospital, dançando, encenando, tentando levar alegria e descontração aos pequeninos.

Nos próximos anos me dediquei à família, em 2002 meu segundo filho veio ao mundo, acredito em uma das fases mais sofrida de nossas vidas, a recuperação de saúde do meu esposo após quatro anos de tratamento de um tumor ósseo e depressão. Filhos sempre são bênçãos, tirando-nos de uma depressão profunda que pensamentos de morte afetavam e desestruturavam a família. Não desisti de meus sonhos apenas os adormeci, essa foi à segunda fase do meu amadurecimento.

Em 2004 mudamos para o litoral especificamente em Matinhos-PR. Que lugar é esse? Que vida é essa? Sem amigos, lugares e festas para ir. Interrogações assombravam nossas mentes, não enxergava oportunidades, nem crescimento profissional e social. Passei oito meses em Rio do Sul-SC em busca de vida nova? Profissionalização? Amigos? Lugares? Não podíamos ter aquilo que não aceitamos ou apropriamos. Retornamos para Matinhos e como diziam meus filhos “voltamos para casa”. Nosso retorno se deu próximo ao aniversário da cidade e ao desfile tradicional. Foi então meu primeiro contato com a fanfarra municipal a FAMMA (Fanfarra Municipal de Matinhos). Na semana seguinte já fazíamos parte dessa corporação, fui ensinar dança (voluntariamente) devido a minha experiência com a ginástica rítmica. Quando digo nos me refiro à família toda, pois meu esposo sempre esteve presente e apoiando tudo ao meu lado.

Neste trajeto muitas coisas aconteceram, viagem, grandes títulos conquistados, mudou o regente da fanfarra, e quando achávamos que tudo estava estabilizado com 140 integrantes mudou o prefeito 2008/2009. Quando o novo prefeito assumiu a fanfarra foi desativada com alegações de que era por falta de recursos. Junto a ela nossos sonhos. Infinitas noites angustiantes, reuniões em busca da reestruturação. Acordei e fui buscar recursos e conhecimento.

Em agosto de 2009 iniciei a graduação após quinze anos longe dos estudos em Licenciatura em Artes na UFPR Litoral em busca do famoso P.A (Projeto de Aprendizagem) a fim de criar uma nova fanfarra ou reestruturar a já existente. Ao longo do percurso não apenas consegui reerguer a fanfarra, mas obtive uma evolução emocional, social e principalmente profissional. Nessa época estava trabalhando no Departamento de Cultura onde ministrava oficinas de Desenho Artístico, Jazz, Street dance e era também a focalizadora da oficina de Dança Circular. A conclusão da graduação se deu em 2013.

Em 2014 assumi o concurso da prefeitura como professora de artes, um período ficava no Departamento de Cultura isso até 2015 e outro no Programa Saberes contraturno escolar da prefeitura de Matinhos que estou lotada até os dias de hoje.

Ainda desenvolvo um trabalho voluntário como coreógrafa na Banda de Percussão Marcial “Estrela do Amanhã” (Fig. 01) que na data de 12 de junho de 2018 passou a ser ‘Banda municipal de percussão Fênix’ (fig. 02) dessa cidade.

FIGURA 01 – STANDART



Fonte: Marilu Menguer (2014 a 2018)

FIGURA 02 - STANDART



Fonte: Juciane Alves (2018)

Em agosto de 2017 retornei a essa universidade e em busca de aprimoramento e inovação a minha profissão de Arte Educadora no “Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação” na perspectiva de contribuir para os processos pedagógicos que faço parte nos diferentes espaços e projetos acima mencionados.

“Ao invocar algumas situações desse memorial, busquei recuperar ‘minha procura’ no percurso de uma trajetória que acredito não ter fim.

“E nesse ponto que hoje me encontro (momento contínuo de um memorial onde o presente já é passado): com uma pesquisa que contém um assunto um assunto inesgotável, que se transforma ao longo da história, do tempo e do espaço, esperando por contribuições para seu prosseguimento. Mas essa é outra história que será marcada no desenrolar do próprio trabalho aguardando um futuro que um dia se transformará na continuidade das minhas memórias...” (Andréa Rodrigues)

3 A EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL EM BUSCA DA AUTONOMIA, PROTAGONISMO E CONSTRUÇÃO DE NOVOS SABERES

Diante os relatos de vivências dos projetos e nos encontros coletivos (fig.03) da ANE (Alternativas para uma Nova Educação) pude perceber e acreditar o que e ser um agente transformador de histórias de vidas. Valorizar a bagagem que cada um traz acreditar que através de uma relação de respeito e cooperação podemos

contribuir para a formação de indivíduos autônomos, protagonistas e construtores de novos saberes. Tanto na educação formal quanto na informal os objetivos ficaram claros: Formar o educando com capacidade de usar seu senso crítico para contribuir de modo positivo e construtivo dentro da sociedade em que vivem. Mediar as situações, adaptando as propostas de acordo com as novas demandas.

FIGURA 03 - COLETIVO DA ANE



Fonte: Lenir Maristela Silva (2017)

Durante a ANE (Alternativas para uma Nova Educação) propus uma ação que aconteceu dentro da educação formal no meu local de trabalho no Programa Saberes – contraturno escolar, um “Festival de dança” o primeiro de muitos. Não foi apenas um festival como qualquer outro autonomia e protagonismo dos educandos foi quase cem por cento. Apenas lancei a ideia e eles estruturaram, tudo através de pesquisas, músicas, figurino, coreografias, sonoplastia fui apenas mediando e organizando.

Foram três meses de pesquisas e ensaios o festival aconteceu nos dias 13,14 e 16 de novembro de 2017.

Participei também como colaboradora e coreógrafa do “Alto de Natal” que aconteceu também no Programa Saberes no dia 07 de dezembro de 2017, ação proposta pela Leticia Valerie integrante da ANE.

Mas foi no segundo semestre de 2018 que percebi realmente o que é pertencer a ANE. Através de uma proposta, em propor uma ação dentro da Associação de moradores do Vila Nova no bairro do Tabuleiro em Matinhos percebi o que é fazer alternativas para uma nova educação, conheci pessoas simples que educam todos os dias preparando o café, o lanche as brincadeiras sendo exemplo sem precisar de diplomas ou cursos de capacitação para a comunidade que ali frequenta, lutando também todos os dias com as suas dificuldades e não desistindo dela. Com certeza

frequentam em busca de carinho, de boas palavras, de bons exemplos. Comunidade essa de sofrimento causada pelas drogas, violência, desacreditada de seu potencial. Percebi que tudo que imaginava estar fazendo de novo pela educação ficou vazio. Fazer algo de novo pela educação não é estar na comunidade e sim ser comunidade, mudar expectativas, mudar vidas através de ações, de viver essas ações todos os dias. Entendi que não precisamos de projetos maravilhosos com belas palavras de escrita bonita e adequada, é preciso fazer algo para que vidas sejam salvas através dessa educação, de amar ao próximo e se doar por ele.

Propus uma apresentação artísticas feita com meus alunos do contraturno escolar, durante a feira de artesanato que aconteceu na associação de moradores do Vila Nova no dia 09 de novembro, com proposito que percebessem as dificuldades vividas pela comunidade que fica do outro lado da cidade. Em roda de conversa com meus alunos em um outro momento cheguei me emocionar ao ouvir os relatos da experiência vivida por eles – “Professora sabe nossa dança, conta que perdemos e lutamos pelo paraíso perdido e eles lá da comunidade lutam todos os dias de verdade pelo seu paraíso que são suas próprias vidas! ”. Me emocionei pela pureza do raciocínio e por estar convicta de que algo mudou na vida dessas crianças também.

3.1 CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL COMO COREÓGRAFA DA FANFARRA ESTRELA DO AMANHÃ OU BANDA DE PERCUSSÃO FÊNIX DESSE MUNICÍPIO.

A Fanfarra “Estrela do Amanhã” que a partir de 12 de junho deste ano (2018) passou a ser reconhecida como “Banda municipal Fênix”, faz parte do projeto “Musicalização nas escolas” (Que foi elaborado pensando a partir da fanfarra como carro chefe devido a evasão de alunos na adolescência, a ideia foi se plantarmos a sementinha ainda na infância colheremos frutos na juventude) e hoje após 5 anos de projeto nas escolas municipais estruturou-se a banda principal municipal que antes era apenas da Escola municipal Wallace Tadeu de Mello e Silva com o nome de Banda de percussão marcial Estrela do Amanhã, hoje como Banda de percussão municipal Fênix já consagrou vários títulos e troféus (fig.04, 05, 06) tendo como coordenador e regente da banda o professor Lucas Vieira e Juciane Alves como coreógrafa (voluntaria). A fanfarra conta com quase oitenta integrantes atingindo várias faixas etárias (6 a 18 anos) os ensaios acontecem nas terças e quintas feiras das 17h30min

às 19h00min no Ginásio Arena Vicente Gurski, situado na Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira. Contamos com escolar que leva e traz os integrantes.

FIGURA 04 – TROFÉUS



Fonte: Marilu Menguer (2017)

FIGURA 05 – TROFÉUS



Fonte: Juciane Alves (2017)

FIGURA 06 – TROFÉU



Fonte: Juciane Alves (2018)

3.1.1 Um pouco da história de o que é, e onde surgiu o termo “Fanfarra”.

Estudiosos revelam que na época de Napoleão Bonaparte (1769 – 1821) quem tocava os tambores eram os indivíduos mutilados nas guerras. No Brasil, a primeira informação bibliográfica de corporação musical deu-se ainda na época da colonização, com um ensino musical para índios, realizado pelos jesuítas (CERNICCHIARO, 1926). Segundo PEREIRA, esse dado bibliográfico foi citado em uma Crônica de Couto Magalhães aonde narra um diálogo entre dois jesuítas, Manuel Paiva e Leonardo Nunes:

O padre Manuel de Paiva (que deveria ser um homem de mente extraordinária, usando para o bem a arte musical) recebia em santos a visita do padre Nunes (Nunes), vindo de são Paulo. Depois do jantar o padre Nunes, maravilhado, escuta uma serenata na vizinhança do convento. Eram os trovadores portugueses e indígenas que mesclávamos próprios cantos com os indígenas (*sic*), com boa e civil harmonia. [...] A orquestra já organizada pelo Padre Paiva era um atrativo para jovens bárbaros, que tinham revelado rara aptidão para a música. “São brasis (*sis*) os vossos músicos? Alguns, porém esperamos ter em breve uma Banda completa dos nacionais.” (PEREIRA, 1999, PP.21-27).

Para Brandani, a música ensinada aos índios era uma música europeia, formal sendo assim, desprezavam toda a Cultura nativa. Ela ainda cita que os negros também participavam dessas formações musicais. Foram esses grupos que deram origem às “bandas de negros” que, em decorrência das atividades dessas escolas, passaram a existir nas várias fazendas coloniais espalhadas pelo país. (BRANDANI, 1985, p21).

Diante desses fatos, podemos dizer que até o século XIX, era tradição manter bandas de música formadas por negros das fazendas de açúcar, e que a partir daí permaneceram ligadas às festas cívicas do país. Essa tradição ocorreu com mais frequência com a vinda da família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, quando foi estabelecido o exército nacional. As bandas militares concretizaram e colaboraram diretamente para o aparecimento das bandas civis. No Brasil, essas atitudes cívicas são mantidas até os dias de hoje.

Nos diversos momentos da história do Brasil, foram dados muitos incentivos para a criação de bandas militares. Segundo Brandani, a banda militar era a “única instituição oficial no campo da música ao alcance da massa”. No entanto esses apoios

não tiveram muita repercussão, já que os músicos eram poucos principalmente os que tocavam instrumentos de sopro.

Após a Proclamação da Independência 1822, obteve-se a atenção das autoridades. Para VERONESI, com a criação da Guarda Nacional, em 18 de agosto de 1831, passa a ser obrigatório à formação de bandas em cada segmento militar, mas sempre seguindo os modelos europeus. As principais bandas da época eram: “Banda da Guarda Real da Polícia” (1832), “Banda da Guarda Municipal” (1836), “Banda da Guarda Nacional Republicana” (s/d), e a “Banda dos Marinheiros” (s/d).

Uma fase de crescimento aconteceu com a criação da Guarda Nacional, em 18 de agosto de 1831, sendo que, Amendment de portarias, o encontro era uma formação de Bandas em cada segmento militar, e essas deveriam estar de acordo com os modelos participantes. Vale destacar algumas Bandas da época: “Banda da Guarda Real da Polícia” (1832), “Banda da Guarda Municipal” (1836), “Banda da Guarda Nacional Republicana” (s/d) e uma “Banda dos Marinheiros” (s/d) (PEREIRA, 1999).

A Era Vargas (1930-1945) foi direcionada para o ensino da música por meio de criação de bandas e fanfarras nas escolas brasileiras. Nesse período, surgiram as primeiras bandas e fanfarras da forma que conhecemos hoje. Segundo Brandani, os concursos entre as bandas mobilizavam milhares de pessoas entre elas estudantes, músicos e profissionais de comunicação. Para Brandani: “O campeonato faz parte de nossa história musical, por ter mantido viva essa tradição popular”. (Brandani, 1985, p 35).

Assim foram criados os campeonatos e concursos de bandas e fanfarras em nosso país. Ao longo das décadas, a trajetória das fanfarras passou por grandes transformações e modificações no contexto musical (repertório), instrumental e coreográfico. (GRIFO MEU, 2013)

3.1.2 Um pouco da metodologia do ensino das coreografias da fanfarra se dá em etapas:

- Primeira etapa estudar, conhecer a música que será tocada pelos músicos ou corpo musical da fanfarra.
- Segunda etapa apreciação da música.

"Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes".
(Alves, 2000 p. 35)

- Terceira etapa trago algumas ideias sobre a coreografia e juntas construímos os passos sempre ajustando de acordo com que as ideias das integrantes.
- Quarta etapa apropriação da coreografia.
- Quinta etapa ensaiar para competir com outras fanfarras ou corpo coreográfico de outras corporações, que se dá em concursos. Esse competir certas que demos nosso melhor, o mais importante é o processo, ganhar é consequência. Essa parte é um dos objetivos da fanfarra, porém muitos outros saberes estão envolvidos. Muitas vezes deixamos de praticar o ensaio para ouvir, ajudar em questões escolares, aflições que trazem de casa...

O conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. (Morin, 2004, p. 19-20)

Para além dos ensaios existe todo um trabalho com a comunidade (familiares e alunos), onde são arrumados os materiais, instrumentos, uniformes e tudo que acontece nos "bastidores". Essa é a prática que mais nos aproxima dos integrantes e da comunidade, ali ouvimos histórias de vida e aprendemos muito mais do que ensinamos, o combustível para não desistirmos. (Fig. 07, 08, 09, 10)

FIGURA 07 – ARRUMANDO MATERIAIS



Fonte: Juciane Alves (2017)

FIGURA 08 - ARRUMANDO MATERIAIS



Fonte: Juciane Alves (2018)

FIGURA 09 - ARRUMANDO MATERIAIS



Fonte: Juciane Alves (2018)

FIGURA 10 - ARRUMANDO MATERIAIS



Fonte: Juciane Alves (2018)

3.2 CONTRIBUIÇÃO NA EDUCAÇÃO FORMAL NO PROGRAMA SABERES CONTRATURNO ESCOLAR DESSE MUNICÍPIO.

O Programa Saberes faz parte do contraturno escolar, atendendo 400 alunos de quatro escolas da rede municipal, Escola municipal Wallace Tadeu de Mello e Silva, Escola Municipal Oito de Maio, Escola Municipal Monteiro Lobato, Escola Municipal Professor Luís Carlos. Contando com oficinas lúdicas de Português, Matemática, Inglês, Educação Ambiental, Contos, Cultura Matinhense, Esporte e Lazer, Artes, musicalização e mais dois projetos agregados Capoeira e Taekwondo, Xadrez. Os educandos são divididos em faixas etárias por grupos que são separados por cor. Nesse ambiente são servidas quatro refeições diárias. Educandos do período matutino frequentam a escola no período vespertino, e os do vespertino frequentam a escola no período matutino. Contamos ainda com escolares que levam e trazem os educandos.

Sou regente da oficina de Artes nos dois períodos matutino e vespertino e procuro fazer um trabalho onde promova a autonomia e protagonismo do educando.

3.2.1 Metodologia aplicada na Oficina de Artes

As atividades iniciam ao pegarmos os educandos no refeitório seguindo uma rotina, primeiro vão para a escovação (escovar os dentes) e banheiro após cada grupo segue com seu professor para suas oficinas, que tem a duração de 01h30minmin, então acontece às trocas de oficinas.

Ao entrarmos na “sala” todos sentam no tapete ou círculo para roda de conversa, conversamos sobre várias coisas, escutamos uns aos outros e aprendemos sobre o tema que vamos trabalhar naquela oficina. Após o tema eles levantam pegam o material que vão utilizar (o material fica exposto na sala, lápis, tinta, pinceis, cola...) dentro ou fora da sala de aula (Fig. 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21). Não é preciso falar ao entra na “sala” onde devem ou têm que ir, porque querem ir para roda de conversa, não foi do dia para noite essa conquista foi aos poucos com escuta e paciência. Ver o sorriso no olhar de uma criança, perceber quão prazeroso é aprender não tem preço.

FIGURA 11 – SALA DE AULA



Fonte: Juciane Alves (2016)

FIGURA 12 - SALA DE AULA



Fonte: Juciane Alves (2016)

FIGURA 13 - SALA DE AULA



Fonte: Juciane (2016)

FIGURA 14 - SALA DE AULA



Fonte: Juciane Alves (2016)

FIGURA 15 - SALA DE AULA



Fonte: Juciane Alves (2017)

FIGURA 16 - SALA DE AULA



Fonte: Juciane Alves (2018)

FIGURA 17- SALA DE AULA



Fonte: Juciane Alves (2016)

FIGURA 18 - SALA DE AULA



Fonte: Juciane Alves (2018)

FIGURA 19 - SALA DE AULA



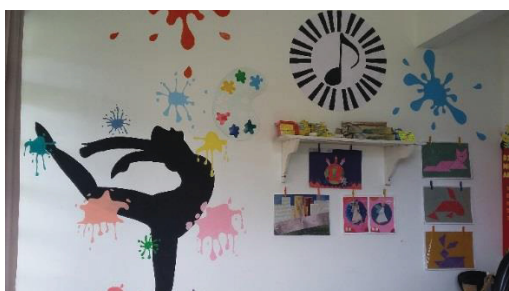
Fonte: Juciane Alves (2018)

FIGURA 20 - SALA DE AULA



Fonte: Juciane Alves (2016)

FIGURA 21 - SALA DE AULA



Fonte: Juciane Alves (2017)

Dentre várias atividades que propostas vou citar uma que me marcou muito, o dia foi bem especial, soltamos pipa!! Porque soltar pipa e aprender!! (Fig. 22, 23)

FIGURA 22 – SOLTAR PIPA



Fonte: Juciane Alves (2017)

FIGURA 23 – SOLTAR PIPA



Fonte: Juciane Alves (2017)

“Professora seus olhos dão risada quando você está empinando a pipa, me dá uma vontade de ser feliz” (J J). Educando retirado das ruas pelo conselho tutelar.

“Os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.” (Alves, 2000, p.45)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tentei uma vaga na ANE (Alternativas para uma nova educação) essas foram minhas palavras: “Meu interesse no “Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação é de suma e total importância para minha formação profissional e pessoal. Vejo essa formação continuada como uma possibilidade de qualificar meu fazer profissional.” Mal sabia que entrar para ANE não era apenas um fazer profissional, fazer parte da ANE é crescer profissional, emocional, espiritual, aprender ouvir e falar, compreender, cooperar, e ter empatia, autonomia, afeto respeito, resiliência, transformar, brincar, dividir, somar para multiplicar, amizade, sentir, é ser Inter, interculturalidade, interdisciplinaridade, intergeracionalidade, Interterritorialidade, intercunstitucionalidade, interexperencialidade... entrar para a ANE (Alternativas para uma nova educação) é pertencer.

Vivenciar experiências e troca de saberes durante a ANE (Alternativas para uma nova educação) foi além de uma especialização. Nos encontros coletivos era como se estivéssemos fazendo parte de todas as ações propostas. Essas experiências levei para minha escola, para minha vida pessoal e continuarei levando porque aprendi que o impossível não existe. O que existe é o medo do sistema e esse,

não é mais empecilho quando se aprende que a voz da comunidade é mais forte. Projetos inspiradores na III Conane caíram como Comunidades de Aprendizado de Heliópolis e de Paranoá fizeram mudanças radicais em minha perspectiva de comunidade.

Freud dizia que há três funções impossíveis por definição: educar, governar, psicanalisar. É que são mais que funções ou profissões. O caráter funcional do ensino leva a reduzir o professor ao funcionário. O caráter profissional do ensino leva a reduzir o professor ao especialista. O ensino deve voltar a ser não apenas uma função, uma especialização, uma profissão, mas também uma tarefa de saúde pública: uma missão. Uma missão de transmissão. (MORIN, 2000, p. 101).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A Alegria de ensinar**. Campinas-SP: Papirus, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2004, pág. 19-20.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 9. Ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. Título original: Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur.